

# O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA ABORDAGEM SOCIO-HISTÓRICA: EU E O OUTRO

MARIA OZITA DE ARAUJO ALBUQUERQUE<sup>1</sup>  
MARLINDA PESSÔA ARAUJO<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo, discorreremos sobre o processo ensino-aprendizagem na abordagem sócio-histórica que embasa o referencial teórico desse texto. O tipo de pesquisa utilizada foi bibliográfico de cunho exploratório, visto que foi desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Tem como objetivo discutir alguns aspectos do processo ensino-aprendizagem a partir dos princípios dos fundamentos teóricos da abordagem sócio-histórica, com o intuito de compreender como se efetiva a aprendizagem do aluno em desenvolvimento, tendo o professor como mediador desse processo. No processo de construção analisamos a relação de interação com o outro como fator necessário no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, tendo o professor como o responsável por mediar e organizar ações que conduzam o aluno a apropriar-se do mundo que o cerca em interação com o outro. Nesse contexto, tanto o professor como o aluno sofrem transformações que propiciam o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem. Colaboração. Mediação. Abordagem sócio-histórica. Prática docente.

1 Doutora e Mestre em Educação (UFPI); Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (UFPI); Professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí, Campus de Parnaíba-PI. E-mail: mariaozita@phb.uespi.br

2 Mestre em Educação (UFPI); Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (UFPI); Professora da Rede Estadual de Educação. E-mail: marlindapessoa@gmail.com

## PARA INÍCIO DE CONVERSA...EU E O OUTRO

**N**o século XXI vem crescendo as discussões sobre o sucesso do processo ensino-aprendizagem que acontece de forma formal e não formal, ou seja, na escola ou fora dela. O aprender está interrelacionado com as relações que construímos com o outro, com a vida, pois o indivíduo é construído em sociedade. Como seres sociais o homem é dependente do outro para sobreviver. Neste sentido, a vida nos dotou da capacidade de conhecer e aprender (DEMO, 2009).

De acordo com a abordagem sócio-histórica o homem se constitui como ser humano por meio das interrelações que constitui com os outros. Nossa história de vida está integrada com outras histórias que se cruzam nas experiências vivenciadas no decorrer de nossa existência. Assim, construímos nossa história com a participação do outro e do patrimônio cultural da humanidade.

Conhecer o espaço que a criança ocupa nas relações sociais, a forma real de suas vivências é necessária para compreendermos seu desenvolvimento cognitivo e social. Nesse processo, o desenvolvimento e a aprendizagem são resultado da ligação da história individual e social, em que é construída por meio da comunicação estabelecida entre os indivíduos devendo ser clara, precisa, provocadora de dúvidas e instigar novos processos construtivos de conhecimento.

A partir dessas concepções discutiremos alguns aspectos do processo ensino-aprendizagem a partir dos princípios dos fundamentos teóricos da abordagem sócio-histórica, com o intuito de compreender como se efetiva a aprendizagem da criança em desenvolvimento, tendo o professor como mediador desse processo.

## QUE CAMINHOS PERCORRER ENTRE O OUTRO E EU?

O estudo realizado foi bibliográfico de cunho exploratório. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para a produção do texto e embasar as discussões sobre o tema que trata este trabalho recorreremos as contribuições dos autores: Freire (2011); Oliveira; Almeida; Arnoni (2007); Serrão (2006) Vigotski (2000).

Por intermédio do teor bibliográfico, são fornecidos ao pesquisador, conhecimentos que possibilitam aprofundar reflexões sobre o tema pesquisado, relacionando-o, com resultados inerentes aos obtidos por outros pesquisadores. Nesse sentido, essa metodologia nos ajudará a identificar alguns elementos que perpassam o processo ensino-aprendizagem a luz da abordagem sócio histórica.

## **EU OU O OUTRO OU EU E O OUTRO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?**

O professor tem condições de fazer diferença na história de vida dos alunos, porque tem uma convivência muito intensa com eles, pois a convivência deles com a família está cada vez mais reduzida devido a jornada de trabalho de seus pais estarem mais extensas (SANCHES, 2019). Dessa forma, é na escola que a referência do outro acontece de forma mais significativa. Segundo Sanches (2019, p. 51), “é nesse espaço que o aluno aprende a olhar o outro, a observar o que o outro está fazendo”, e assim vai construindo o conhecimento.

A relação inicial que se estabelece entre a criança e o adulto é essencialmente emocional, que quando positiva possibilita uma relação agradável, que dá condições de ampliação da relação com o mundo, as pessoas e objetos que a circunda. Quando negativa bloqueia na iniciativa da criança, fechando-a para o mundo ao invés de abrir-se para o que a rodeia, o que dificulta o processo ensino-aprendizagem. Por isso, de acordo com Sanches (2019, p. 56), “o papel da escola é ser o lugar de afetos, de sonhos, de descobertas e de construção coletiva”.

Neste sentido, para atingirmos o êxito do processo ensino-aprendizagem é necessário que se crie um vínculo de afetividade entre professor e aluno, pois as emoções, os interesses individuais, os anseios penetram toda relação pedagógica. Este vínculo de afetividade não pode interferir no cumprimento ético do dever do professor no desempenho de sua autoridade.

Outro elemento indispensável para a efetivação e sucesso do processo ensino-aprendizagem é a mediação do professor, a fim de que possa haver articulação entre aluno, conhecimento e realidade na produção do conhecimento. Ensinar efetivamente exige do professor habilidades adquiridas no processo de formação inicial e desenvolvidas na formação contínua, habilidades estas que ultrapassam o simples

domínio do conhecimento, haja vista que o ensino é complexo e exige uma fundamentação teórica que sustente a prática educativa.

A aprendizagem do aluno é a principal finalidade do trabalho do professor na escola. Assim sendo, de acordo com Romanowski (2006, p. 101), “a escola como local privilegiado da aprendizagem que representa, ocupa-se do ensino para promover a formação exigida pela sociedade”. Assim, podemos considerar o aluno o centro da aprendizagem, daí a responsabilidade do professor em buscar alternativas para a realização de um ensino que resulte na aprendizagem efetiva do aluno, sempre tendo o cuidado de neste processo considerá-los sujeitos históricos. De acordo com Freire (2011, p. 17), na medida em que o sujeito “se apercebe como testemunha de sua história, sua consciência se faz reflexivamente mais responsável dessa história”.

No processo ensino-aprendizagem professores e alunos transformam-se e desenvolvem-se mutuamente de forma reflexiva, dialógica e colaborativa no processo interativo. A aprendizagem é resultado da interação entre os processos internos e externos da cognição (Vigotski, 2000). Na concretização da cognição o indivíduo executa seu pensamento e ação mediante fatos, objetos, conhecimentos. Embora o ato do pensamento esteja articulado às condições externas não é totalmente dependente dela, pois mesmo sem estas condições o indivíduo opera mentalmente.

A qualidade da aprendizagem está vinculada a produção de sentidos, mudanças significativas e duradouras. A constituição da aprendizagem do sujeito se dá por meio da interação e mediação, esta última questão chave do processo ensino-aprendizagem. É a mediação que articula a dialética entre o imediato e mediato. Para Oliveira; Almeida; Arnoni (2007, p. 102), a mediação é “[...] uma força negativa que une o imediato ao mediato e, por isso, também os separa e os distingue”. Ressaltamos que quem está no plano do imediato é o aluno e no mediato o professor. Os primeiros porque estão entranhados em seu cotidiano, em suas vivências, é o aqui e o agora e o segundo porque é quem está conduzindo a produção do conhecimento de forma sistematizada. Segundo o autor é o que passa pelo pensamento e elaboração humana.

O mediato é o estado resultante da mediação. O papel do professor é proporcionar condições para que os alunos passem do plano imediato para o mediato, ou seja, tenham acesso ao conhecimento

produzido historicamente pela sociedade. Assim, podemos dizer que o ensino está no plano do mediato e a aprendizagem do imediato

A função da mediação no processo de ensino e de aprendizagem é criar possibilidades de compreensão individual dos indivíduos. Neste processo as ferramentas e os signos são recursos que auxiliam a mediação entre o sujeito e o objeto (Vigotski, 2000). Do ponto de vista do autor, a escola tem papel fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos, uma vez que esta instituição é a agência formal responsável por fazê-los passar do nível de conhecimentos espontâneos para o científico. Neste processo, cabe a escola o papel de fazer o aluno evoluir e, cabe ao professor, o papel de organizar o processo pedagógico, colaborando com o aprendiz e o desenvolvimento do educando.

Nesta perspectiva, Vigotski (2000, p. 342), afirma que “[...] em colaboração a criança pode fazer mais do que sozinha”. Assim, o professor exerce importante papel de organizador, de colaborador na elaboração conceitual dos estudantes. Ele planeja as atividades de ensino, organizando-as com o objetivo de promover aprendizagens. Neste processo, a linguagem funciona como instrumento de mediação, desempenhando, para Vigotski (2000), papel importante na dinamização do processo ensino-aprendizagem, que deve ser interativo e dialógico.

A articulação entre os conhecimentos teóricos e práticos é imprescindível para que esse processo ocorra conforme propõe o autor citado, além do que também necessita de um constante processo reflexivo que deve perpassar por toda a vida profissional do professor. Neste aspecto, Imbernón (2002, p. 31) afirma que o conhecimento “[...] proporcional prévio, o contexto, a experiência e a reflexão em e sobre a prática levarão à precipitação do conhecimento profissional especializado”.

Estudos realizados por Nóvoa (2001), Mizukami (1996) apontam que a qualidade da formação do professor interfere no processo ensino-aprendizagem nas instituições escolares, haja vista que os professores saem com muitas necessidades formativas da formação inicial. É por meio de ações de formação contínua que procuram superar estas necessidades. Entendemos necessidade como mudanças, novos saberes incorporados para superação dos problemas surgidos no desempenho da profissão. Para Abdalla (2006), as necessidades pessoais surgem na formação inicial, a partir do momento que o professor

se depara com os problemas da escola e no decorrer da formação contínua passam a ser coletivas.

As necessidades são relativas, variam de indivíduo para indivíduo e de contexto, decorrendo de valores e crenças. Se fossem absolutas nossas ações seriam mecânicas, rotinizadas. Dessa forma, entendemos que os professores possuem suas necessidades pessoais, subjetivas no campo pessoal e profissional, que precisam serem analisadas e discutidas com seus pares de forma crítico-reflexiva e colaborativa. Abdalla (2006, p.45-46), entende que é:

[...] necessário compartilhar as experiências pessoais e profissionais: a prática, as ações e condições de trabalho. Pois, quando analisamos as situações juntos com os outros, tomamos consciência de nossas intenções e ações na busca da inovação, da concretização dos projetos pessoais/profissionais.

É trocando experiências, compartilhando angústias com os colegas de profissão que reconstruímos nossos saberes, que compreendemos melhor nossas necessidades pessoais que ao mesmo tempo são coletivas/sociais, haja vista que são sempre elaboradas num determinado contexto social. Nesse processo a reflexão crítica é um elemento fundamental para que os professores tenham uma prática educativa inovadora, criativa, dinâmica, consciente e transformadora.

O homem, como um ser que atua de forma dinâmica, provoca mudanças históricas, sociais e culturais na sociedade. Desta forma, a perspectiva sócio-histórica, segundo Silva (2006, p.31), é vista como “[...] referencial que oferece alternativas para compreendermos esses fenômenos, especialmente por explicar como ocorre a interação homem/mundo e, nesse contexto, a relação entre sujeitos e entre sujeito e objeto na construção do conhecimento”.

De acordo com a abordagem sócio-histórica, o homem deve ser estudado em sua totalidade, sempre levando em conta a articulação dialética que deve ocorrer entre os aspectos externos e internos do seu desenvolvimento e das relações que ele mantém na sociedade.

Observamos, com base em Morin (2004), que os professores, em geral, não são vistos como agentes históricos e dinâmicos, no que se relaciona ao desenvolvimento de sua prática docente, uma vez que ora a prática que eles desenvolvem é classificada como empirista, em que

prevalecem os fatores externos do seu trabalho, ora ela é classificada como idealista, em que são destacados os aspectos internos do trabalho docente.

Segundo Vigotski (2000), o homem, na sua relação filogenética e ontogenética, resulta de dois processos distintos de desenvolvimento psíquico, o processo de redução biológica das espécies animais, que ocasiona o surgimento do *Homo sapiens* e o processo de desenvolvimento histórico, que torna esse *Homo Sapiens* um ser social. De acordo com o autor, o homem se torna humano por meio das interações que ocorrem desde seu nascimento com os seus semelhantes e com o meio social, histórico e cultural em que ele está inserido. Estas interações ocorrem de forma dialética. Neste sentido “a dialética abarca a natureza, o pensamento, a história: é a ciência mais geral, universal até o máximo” (SERRÃO, 2006, p. 97)

Com base nesta perspectiva, consideramos que o professor não é mero receptor de técnicas pré-fabricadas, tampouco é mero receptor de conhecimentos já prontos e acabados, e que o curso de formação inicial, embora ofereça formação que o inicia em sua atividade docente, deixa a desejar no que diz respeito à associação que precisa existir entre o saber teórico e o saber prático, já que essa formação oferece possibilidades limitadas para que os futuros professores articulem, efetivamente em seu trabalho, teoria e prática, bem como não proporciona condições para que esta relação seja feita de forma indissociável.

Nessa linha de pensamento afirmamos que precisamos formar professores que possam articular teoria e prática, contribuindo para que, no desenvolvimento da prática docente, no dia-a-dia da ação docente, ampliem-se às possibilidades de este profissional contribuir para o processo de formação de conceitos científicos por parte dos alunos, bem como possibilite o desenvolvimento de conhecimento especializado, imprescindível para o desenvolvimento profissional docente.

## **PARA CONTINUAR A CONVERSA...SOMOS RESPONSÁVEIS PELA INTERAÇÃO ENTRE O EU E O OUTRO?**

Ao ingressarmos no estudo de autores que discutem o processo ensino-aprendizagem e da literatura da abordagem sócio-histórica

verificamos que afetividade, mediação, colaboração, produção de sentidos, qualidade na formação de professores e reflexão crítica são alguns elementos que podem nortear a prática docente do professor na efetivação da aprendizagem na produção de sentidos, de mudanças significativas e duradouras.

Nessa discussão teórica, a escola é vista como palco de aprendizagem tanto para o professor como para o aluno, uma vez que esta instituição propicia um espaço para que o professor, numa perspectiva sócio-histórica de colaboração entre seus pares, reflita criticamente sobre sua prática docente, no que tange aos receios, angústias e experiências da profissão de professor na reconstrução de saberes que possam dinamizar o processo ensino-aprendizagem, colaborando dessa forma, para uma aprendizagem que situe o aluno cultural e historicamente, tornando o espaço escolar um espaço de aprendizagem a partir do outro e com o outro.

Os autores aqui discutidos, também nos conduzem a refletir sobre dois pontos que interferem no processo ensino-aprendizagem: a formação de professores que considere no processo de formação a relação teoria e prática como indissociáveis. E como podemos, enquanto formadores de professores, mediar uma formação que atenda a essa perspectiva partindo da abordagem sócio-histórica em que os professores se tornem agentes históricos e dinâmicos em sua prática docente? Dois pontos relevantes porém complexos que exige discussões aprofundadas, mas que no presente artigo traz à tona reflexões que interagem com as ideias aqui expostas e assim como as demais são relevantes para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Constatamos também no teor das discussões bibliográficas que a mediação na perspectiva sócio-histórica e a interação dessa mediação com a afetividade é basilar na prática docente que visa uma aprendizagem significativa e motivada pautada na compreensão do mundo e no desenvolvimento de uma consciência crítica do educando, propiciando a ele sentido no processo ensino-aprendizagem.

Finalizando ou reticenciando, nosso artigo, esperamos que as discussões aqui tecidas possam colaborar para a realização da reflexão crítica sobre o processo ensino-aprendizagem na perspectiva da abordagem sócio-histórica. Não estamos aqui afirmando que a abordagem sócio-histórica, no processo ensino-aprendizagem, seja o único caminho ou o melhor caminho para o sucesso da aprendizagem do aluno,



apenas nos propusemos a apresentar discussões que amplie o olhar dos profissionais de educação e de pessoas interessadas nesse tema que existem outros caminhos de ensinar e aprender, além das tendências tradicionais de educação, cabendo a cada um de nós, com base em discussões dessa natureza, escolhermos com elevado de nível consciência o caminho a seguir em direção ao processo ensino-aprendizagem.

Recomendamos aos professores que venham a ler este texto que não percam de vista o seu papel como par mais experiente no processo ensino-aprendizagem e responsável por mediar o desenvolvimento do conhecimento espontâneo ao conhecimento científico, colaborando para que o aluno perceba que a interação com o outro contribui para seu aprendizado e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento.

Por fim, citamos a passagem do livro *O pequeno Príncipe: Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas*, não devemos esquecer que enquanto professores nos tornamos responsáveis pelo sucesso do processo ensino-aprendizagem dos nossos alunos, nesse contexto, o outro. Se não podemos sozinhos darmos conta desse processo a colaboração na abordagem sócio-histórica entre seus pares é um caminho a ser percorrido.

## REFERÊNCIAS

ABDALLA, M. de F. B. **O senso prático de ser e estar na profissão**. São Paulo: Cortez, 2006.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

IMBERNÓN, F. **Formação docente profissional: Formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2002.

MIZUKAMI, M. da G. N. Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional. In: REALI, A. M. de M. R.; MIZUKAMI, M. da G. N. (Orgs.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EDUFSCar, 1996. p. 59-91.

MORIN, A. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**: uma antropologia renovada. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

NÓVOA, A. Professor se forma na escola. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 142. Maio, 2001.

OLIVEIRA, E. M. de; ALMEIDA, J. L. V. de; ARNONI, M. E. B. **Mediação dialética na educação escolar**: teoria e prática. São Paulo: Loyola, 2007.

SANCHES, E. C. **Saberes e afetos do ser professor**. São Paulo: Cortez, 2019.

SERRÃO, M. I. B. **Aprender a Ensinar**: a aprendizagem do ensino no curso de Pedagogia sob o enfoque histórico-cultural. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, T. G. da. A dialética da subjetividade versus objetividade desvelando o movimento de se tornar professor. In: CARVALHO, M. V. C. DE. (Org.). **Temas em Psicologia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 31-46.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.